

# ALEGRIA E AMOROSIDADE COMO ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA PARA A RENOVAR A EDUCAÇÃO

## *JOY AND LOVE AS STRATEGIES OF RESISTANCE TO RENEW EDUCATION*

---

**Marina Patrício de Arruda**

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Email: profmarininh@gmail.com

**Carmen Lúcia Fornari Diez**

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

**Geraldo Antonio da Rosa**

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

**Simara Bertotto Westphal Marcon**

Professora de Educação Infantil do Município  
de Lages/SC

## INTRODUÇÃO

Este artigo decorre de reflexões realizadas por educadores de diferentes instâncias educativas sobre a possibilidade da alegria e amorosidade fundamentar estratégias para renovar a educação. Refletir sobre essa questão conduziu-nos ao pensamento de que para educar é necessário desenvolver condições para a renovação a partir da construção de um espaço aberto a singularidades, princípio à amorosidade e à alegria. E renovar é criar condições para uma prática pedagógica que fuja à tendência da homogeneização, de pensamento único firmado por meio da transmissão de conteúdos, repetição de ideias de forma a obstaculizar a singularidade e a diferença. Sendo assim, professores comprometidos com a renovação são desafiados a “Resistir na medida do possível e ampliar os espaços de liberdade para promover a diferença de maneira cada vez mais criativa” (PEIXOTO, 2007, p. 57).

Esta visão do autor vem ao encontro da perspectiva de que “[...] é no campo dos saberes da docência que situamos a questão do saber no que se refere à sua renovação, tendo em vista promover alegria no aprender” (VIEIRA; ALMEIDA, 2017, p. 511).

Entretanto hoje, os sentimentos em relação à escola têm sido de desencanto e impotência diante dos inúmeros problemas cotidianos, dentre os quais, “[...] a não aceitação do outro como legítimo outro na convivência” (MATURANA, 2002, p. 23). Assim, a inexperiência na lida com os conflitos comuns ao convívio humano, ou seja, com questões ligadas à compreensão, à afetividade, às emoções constantes em todas as relações humanas constitui um problema importante por envolver questões políticas, econômicas, sociais e pedagógicas.

Mudar o que está posto é desafio que parece indicar uma única saída: a busca do diálogo e do amor como estratégia de se estimular mudanças que permitam ao professor e ao aluno serem atuantes no cenário educativo, portanto, sujeitos que pensam, sentem, sofrem, amam e criam espaços de possibilidades. Isto implica na recusa de submissão ao modelo tradicional que preconiza a imparcialidade. A alegria escolar de acordo com Snyders (1993), diz respeito à relação dos alunos com a cultura cultivada a partir de conhecimentos relevantes para a humanidade como as produções históricas. O autor defende uma escola onde possa existir uma alegria diferenciada, uma alegria materializada pelo amor na construção do conhecimento.

Nessa abordagem, a confiança, a alegria e a curiosidade de aprender podem emergir de forma vigorosa. O modo de relacionar-se com os outros no espaço educacional torna-se fundamental para que o conhecimento, a aprendizagem e o apreço pela escola se firmem em nossos alunos. Entretanto, nem sempre isso é possível, a dinâmica das relações humanas imprime novos contornos à prática pedagógica, portanto convém uma reflexão baseada em princípios de amorosidade de modo a possibilitar e incentivar a vivência do respeito cuja prática assegure o desenvolvimento da autonomia de educandos e educadores. Esse último ocupando-se da tarefa singular de criar as condições para que desabrochem e se entrelacem comportamentos para uma relação cognitiva favorável à auto-organização das pessoas por meio do diálogo e respeito ao outro. Uma relação humanizada no espaço escolar traz bons resultados para a aprendizagem de todos. Ademais, concordamos com os autores Maturana; Rezpeka (2008, p.14), quando dizem que “[...] a educação é um processo de transformação que acontece na convivência no qual as crianças se transformam em seu viver de maneira coerente com o viver do professor”.

Esse estudo teve como metodologia reflexões teóricas articuladas à depoimentos de professores da educação básica colhidos por meio de uma pes-

quisa qualitativa realizada entre 2017 e 2018<sup>1</sup>. Os excertos utilizados nessa reflexão se destacaram por indicarem momentos de “amorosidade e alegria” em sala de aula e os professores nomeados de forma aleatória pelas letras do alfabeto.

## Amorosidade e alegria: uma nova cultura para a educação?

Atualmente a escola se vê frente a vários desafios como o da construção de um outro conhecimento cuja pertinência está no enfrentamento do cotidiano vívido e no resgate do respeito e dignidade humana. Professores e alunos são chamados a construir um espaço de respeito e diálogo para serem felizes. A alegria na escola não é uma questão de opção metodológica ou concepção, mas um princípio essencial que de acordo com Snyders (2008), pode ser implementada por meio de uma nova cultura da satisfação. A ideia é que possamos desenvolver uma “alegria cultural”, e essa alegria está relacionada com a transformação da sociedade.

O conceito de alegria de Snyders (1993) não se trata de uma alegria qualquer mas da alegria de compreender, de descobrir a realidade para sobre ela atuar. O autor tem como caminho a busca da criatividade, para conhecer e escolher desenvolvendo de forma constante as potencialidades humanas. Ao explicar os conceitos de “Alegria e não-alegria” destaca:

A alegria também é um ato na medida em que, através dela, a potência de agir é aumentada, um acréscimo de vida, fazendo o indivíduo se sentir como que prolongado, enquanto a não-alegria vai se restringir, se reduzir, se economizar, ficar de vigília ou entregar-se a dispersão (idem, p.42).

Para o autor, o progresso cultural trouxe certas alegrias simples e em seu lugar fez nascer angústias, mas a cada uma dessas decepções culturais contrapõe-se uma alegria; “[...] a alegria de compreender, de se comover, de saber fazer...” (1993, p.32).

Porém hoje os sentimentos em relação à escola têm sido de desencanto e impotência tendo em vista os inúmeros problemas cotidianos de indisci-

---

<sup>1</sup> (RE)PENSANDO ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA: AMOROSIDADE E ALEGRIA NA ESCOLA disponível [https://data.uniplaclages.edu.br/mestrado\\_educacao/dissertacoes/4e01bf94bb2098fe30436588b98ddf2b.pdf](https://data.uniplaclages.edu.br/mestrado_educacao/dissertacoes/4e01bf94bb2098fe30436588b98ddf2b.pdf)

na, intolerância além do desrespeito profissional pela não aceitação do outro como legítimo na convívio que por si só, é também educacional conforme explica Maturana (2002). A inexperiência na lida com os conflitos comuns ao convívio humano, ou seja, a falta de discussão sobre questões ligadas à compreensão, à afetividade, às emoções constantes nas relações humanas constitui um problema inerente à educação do nosso tempo, cuja superação envolve questões mais amplas sendo elas políticas, econômicas, sociais e pedagógicas. Há que se enfatizar que a ausência de discussão e inabilidade para trabalhar conflitos são indicadores de não comprometimento, que podemos traduzir como desamor.

Conforme Andreola (2000), a amorosidade não se traduz num sentimentalismo vago, mas na radicalidade de uma exigência ética. Não se trata de amor romântico, indulgente, que desculpa as falhas ou erros. Ao contrário, trata-se de um amor capaz de libertar firmando-se como compromisso entre os seres humanos. A amorosidade pela tradução de Andreola (2000) do pensamento freiriano deve ser considerada:

“[...] sem esquecer as perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, da ética e da política, para a existência pessoal e coletiva, enfatiza também o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, da curiosidade, da criatividade(...), como fatores básicos da vida humana e da educação (ANDREOLA, 2000, p. 22).”

Por Maturana, as “emoções” são dinâmicas corporais para o agir. Na vida cotidiana, o que distinguimos com a palavra “emoção” são condutas (medo, agressão, ternura, indiferença). Dito de outro modo, é a emoção (domínio de ação) que desencadeia uma ação, sendo assim, “[...] se quisermos compreender qualquer atividade humana, devemos atentar para a emoção que define o domínio de ações no qual aquela atividade acontece e, no processo, aprender a ver quais ações são desejadas naquela emoção” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 30). Por outro lado, podemos sinalizar que estas emoções também se apresentam como possibilidade de transformação tendo em vista a busca do diálogo e do amor para a construção de um espaço onde professor e aluno atuem no cenário educativo como sujeitos que pensam, sentem, sofrem, amam e criam; emoções como potências que anulam os efeitos de uma perspectiva acrítica, pois “[...] é na intersubjetividade, mediatisada pela objetividade, que minha existência ganha sentido” (FREIRE, 2010, p. 115). A

intersubjetividade se constrói no coletivo para o qual “O ‘eu existo’ não precede ao ‘nós existimos’, se constitui nele” (FREIRE, 2010, p. 115).

## Ouvindo professores sobre situações de alegria e amorosidade

Uma pesquisa qualitativa realizada entre 2017 e 2018 por uma professora da Educação Básica de um município de médio porte do sul do Brasil registrou depoimentos sobre situações importantes relacionadas à alegria e amorosidade.

Professora A, destacou

[...] eu tenho alunos que são amorosos que fazem cartinhas, bilhetinhos, trazem alguma coisa, ou até mesmo a maneira de se comportar em sala, eles expressam. E eu tenho alguns alunos [...] agressivos, mal educados, não se respeitar, não se comportar, eles percebem que sendo assim eles chamam atenção. E alegria eles expressam, com atitudes mesmo, “eu gosto de você professora”, “gostei da aula de hoje”, “há que bom vai ter filme”, agradecem se o lanche é bom, é nessas pequenas coisas que eles demostram alegria.(Professora A).

Outros professores observaram que os alunos quando estão alegres mostram claramente seus sentimentos, com cartõezinhos, abraços e beijos. A Professora B também salientou que com os menores observava a amorosidade e alegria mais presente: “Agora com os pequenos assim, porque eles são diferentes, são menores, são mais carinhosos”. Esta professora destacou também que os elogios que os professores fazem para os alunos mostrando a importância que eles têm dentro da escola também se tornam importantes estratégias para a relação que se estabelece em sala de aula, fazendo com que as crianças se sintam mais confiantes. Quando isso ocorre, o aluno se expressa com maior segurança e autonomia tanto nas emoções quanto na aprendizagem.

Por sua vez, a professora C relatou que seus alunos expressam a alegria e amorosidade, não só no afago;

[...] a alegria deles não está somente no momento da descontração, não está na educação física, na aula de artes somente, esta alegria está em descobrir o novo. Eles querem sempre uma descoberta diferente, então nós temos que procurar as atividades diferenciadas, o conteúdo mesmo assim, o contar uma história diferente, com objetos diferentes, uma leitura diferenciada com dedoches, fantoches, diferenciar realmente.(Professora C)

Nessa perspectiva, o professor necessita buscar formas de refletir criticamente sobre estratégias utilizadas em sua prática pedagógica. Freire (1996) conduz nosso pensamento rumo à necessidade de superação de uma educação bancária, tradicional para focarmos na aprendizagem do aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele para promover a construção de sentido. Assim, alguns componentes são fundamentais para o sucesso da aprendizagem: a criação de desafios, atividades que realmente tragam as competências necessárias para cada etapa, que solicitem informações pertinentes, que estimulem e combinem percursos pessoais com participação em grupos, que reconheçam cada aluno e ao mesmo tempo aprendam com a interação, tudo isso utilizando meios adequados.

Conforme a professora **D**, o que deixa os alunos alegres na sala de aula “[...] é quando a gente explica uma atividade a eles, [...] aqueles que conseguem realizar toda atividade, ficam satisfeitos. [...] ficam alegres por essas pequenas situações, é uma realização deles de conseguir e terminar”.

Nesse sentido, a concepção de Snyders (1993), a escola pode fazer da alegria o motor da transformação do aluno que está desanimando e/ou desinteressado. A dificuldade se apresenta para o aluno como um desafio, e a alegria não somente de ter alcançado algo, mas como prazer de se colocar como desafiador, de ter a capacidade de sobrepujar revezes. Portanto, não interessa somente o resultado, mas também o caminho, o processo que se fez para chegar até o objetivo estabelecido. Essa é a forma de alegria mais complexa que a escola pode oferecer ao aluno, pois “Estudar não é um ato de consumir ideais, mas de criá-las e recriá-las” (FREIRE, 2010, p. 12)

Para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra num espaço mais alegre e amoroso, o trabalho pedagógico exerce influência de diferentes maneiras. A professora **E** afirma que o pedagógico pode acontecer de várias formas, que não é só o conteúdo, mas “[...] às vezes até numa organização de uma sala, o colorido, no organizar [...] o próprio material”.

A professora **B**, por sua vez afirmou que “[...] trazendo coisas diferentes, assim como joguinhos, até o livro didático, [...] não só aquilo de caderno e xerox. Eu acredito que tem que tá mudando até a leitura que você vai ler pra eles, né?”.

Por esses excertos vamos compreendendo que a própria formação escolarizada é composta por estratégias que acabam por determinar e disciplinar a

prática pedagógica. A professora acima sinaliza a necessidade de se proporcionar um espaço aberto à criatividade. Nesse encaminhamento, os professores contemporâneos passam a ser vistos como mediadores de processos cognitivos, afetivos e sociais de sua prática pedagógica. No espaço escolar, a relação entre professor e aluno é que faz acontecer o ‘ato’, como diz Freire (1996, p. 22-3), de ensinar. Entretanto, ensinar não significa somente “[...] transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção [...] ensinar inexiste sem aprender”. Os professores devem dar oportunidades para que os alunos possam desenvolver a criatividade, a curiosidade, interpretar e aprender o sentido e o prazer associado à compreensão do conteúdo trabalhado. A concepção educacional fundamentada num paradigma de transmissão de conteúdos tem mostrado seu limite.

Partindo dessa perspectiva, o desafio dos professores está em persistir para que a aprendizagem seja significativa, estimulando experiências que irão possibilitar amadurecimento dos alunos de acordo com suas realidades. Freire (2004) ainda assegura que a alegria tende a ser um dos princípios mais importantes do contexto escolar, pois as práticas não se concretizam apenas a partir da racionalidade e da técnica.

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa ao fatalismo, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógica-progressista (FREIRE, 2004, p. 120).

Nesse sentido, torna-se importante que o professor assuma interlocuções capazes de inovar a prática docente, tornando-a humanizada e amorosa. A ideia é a de transformar o espaço escolar para que todos se sintam acolhidos, e que de forma recíproca possam estabelecer um ambiente de alegria e de amor. Para tanto, os desafios da interação social devem ser encarados por meio do diálogo e do respeito mútuo, seguindo as orientações de Freire (1987, p. 79), é preciso fazer da “educação é um ato de amor”.

O professor que assume o amor pelo que faz e procura manter alegria na escola demonstra comprometimento constante por práticas que promovam a aprendizagem significativa. Quando questionada sobre o que mais lhe dá satisfação a Professora A destacou que “É ver que eles estão conseguindo evoluir assim, evoluir como pessoa, como aluno, no conteúdo, na aprendizagem, no

respeito, se você vê que você fez a diferença em algum momento para eles, isso te traz bastante alegria, bastante satisfação”.

O desafio de se garantir alegria na escola de acordo com Snyders (1993) está em manter uma atitude seja realmente causadora de alegria e de prazer decorrentes da relação entre o aluno e a cultura cultivada. Para o autor, “[...] tais alegrias, vividas no presente do aluno, longe de anular, justificam as exigências, compensam a demanda constante para esse [...] se aplicar. O esforço vale a pena, em vista da alegria que ele me proporciona” (1993, p. 32).

Edgar Morin (2003), contemporâneo pensador da complexidade argumenta em favor de uma reforma do pensamento e da educação, de modo a ultrapassar a fragmentação do conhecimento e a reformá-los em patamares afinados com uma ecologia das ideias e da ação. Assim, a educação pode se apresentar como um espaço essencial à compreensão e agir humano num mundo imerso na incerteza. No caminho sugerido por Morin (2003), é necessário ultrapassar o entendimento da educação como espaço reservado unicamente à instrução e ao ensino formativo de uma profissão. Pois, a educação ao retroalimentar a vida não se reduz ao simples ensinar [...] Aprender a viver é o objeto da educação, e essa aprendizagem precisa transformar a informação em conhecimento, conhecimento em sabedoria (sabedoria e ciência) e incorporar essa sabedoria na vida (MORIN, 2015, p. 35).

Aqui é importante pensar no sistema educacional que se torna um mercado de informações, aquele que forma alunos-bancos-de-dados e de cabeça cheia de informações, faz com que educandos não saibam como articular tantos e tão importantes dados para a leitura do real. É nesse sentido que Morin (2003) relembra que “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia”.

A reforma do pensamento e do entendimento somente acontecerá quando reformarmos o nosso próprio entendimento sobre a realidade e a vida. O autor destaca ainda:

Fala-se de interdisciplinaridade, mas por toda a parte o princípio da disjunção continua a separar às cegas. Aqui e ali, começa-se a ver que o divórcio entre cultura humanista e a cultura científica é desastroso para ambas, mas os que se esforçam para estabelecer a ponte entre elas continuam a ser marginalizados e ridicularizados. (MORIN, 2001, p. 288).

Observamos que pensamento de Morin (2001) e de Freire (1996) se juntam para compartilhar o interesse pela ampliação e diversificação das fontes legítimas do saber e a necessária coerência entre o saber-fazer e o saber-ser. Freire (1996) anuncia a solidariedade como compromisso histórico, como uma das formas capazes de promover a ética do ser humano. Ambos ressaltam em seus escritos que o ensino primeiro e universal deve estar centrado na condição humana. Superar o pensamento linear, para compreender e adotar o pensamento complexo capaz de relacionar, enfrentar incertezas, refletir sobre formação docente e prática educativa, valorizar o conhecimento do aluno, e reconhecer o homem como ser inacabado, concebendo a humanidade como comunidade planetária. Esses, dentre outros, são pontos de convergentes para uma pedagogia transformadora e amorosa. Para esses dois pensadores, o professor constitui uma referência privilegiada para a construção da visão de mundo e da estrutura que inspira a formação do cidadão planetário. Nesse percurso, o caminho a percorrer é longo e, para ter êxito, não basta só uma reforma de conteúdo, sendo necessária também uma reforma de pensamento, uma guinada radical para que possamos sair da racionalidade puramente científica para conjugar também uma racionalidade amorosa.

Nesta perspectiva, assumir uma aula em profundidade é tomar consciência da complexidade das relações que ocorrem durante o processo de ensinar e aprender. E nessa perspectiva, o professor precisa ter clareza sobre a finalidade da sua prática educativa e de suas concepções.

Os saberes necessários à educação no século XXI indicam a necessidade urgente de humanização das relações não só em sala de aula, também entre todos os professores para que possam configurar uma resistência amorosa na Educação; ato de ética e de coragem. Para tanto, promover a tomada de consciência individual e coletiva se torna imperativo à educação pois dela surgirão alternativas de colaboração para a transformação da realidade de formação reflexiva de cidadãos e professores em busca de práticas não mais autoritárias calcadas numa proposta mais ampla de educação para a vida.

Trata-se de olhar o sujeito em sua incompletude, no seu sentido de existência e valorar o seu desenvolvimento biopsicossocial. É um olhar amoroso, que vê mais do que o óbvio, o externo, e que redimensiona o sujeito em suas possibilidades. Educação para a vida está na atitude coletiva para além da sobrevivência e, aqui, destaca-se a generosidade, a comunicação autêntica, a liberdade e respeito à individualidade de cada um.

Questionada sobre o momento em que vivenciou o dia mais feliz em sala de aula, professora A respondeu:

Como professora eu tenho uma passagem que me deixou muito feliz foi com uma aluna minha do ano passado [...] Eu explicava, eu fazia no quadro, eu trazia material além pra ela, ela não conseguia entender o que era a tabuada. Porque a do 4, 8, ... ela não conseguia entender aquilo ali. E o ano passado acho que fazia uns 20 dias que o 1º bimestre tinha começado, ela entendeu, ela “meu Deus professora isso aqui é assim”, e eu “é a 2, 3, 4, todas as tabuadas são assim”, ela “nossa, como eu não percebi que era assim no ano passado” [...] E ela, foi um estalo e eu olhei pra ela cheguei abraçar ela e dizer assim “meu Deus ano letivo ganho, porque você conseguiu entender e agora depois de você entender você vai saber fazer todas as outras tabuadas”, não simplesmente decorar. Porque eu falo pra eles tem que decorar, tem, porque é mais fácil pra você resolver os problemas mas você tem que entender o que é a tabuada. Entender de onde que sai, como funciona, tanto é que na prova digo para fazerem no ladrinho da folha, não precisa apagar, pode deixar ali, que eu vou saber que é o rascunho, não é proibido. Esse momento me deixou bem feliz, em ver que ela evoluiu, que ela entendeu [...].(Professora A)

Esse contentamento demonstrado pela conquista da aluna indica a compreensão de uma escola que não apenas repassa o conteúdo, mas que faz refletir e que investe na construção de sentido para a vida.

O desenvolvimento das capacidades tanto cognitivas, afetivas, físicas, éticas, de inclusão social e de relação interpessoal se torna possível por meio de um processo de construção de conhecimentos, o que depende de condições de aprendizagem tanto emocional como racional. As propostas pedagógicas devem sempre resultar dos objetivos de ensino definidos e das possibilidades de aprendizagem propostas aos alunos. Ou seja, considerar o conhecimento prévio do aluno, o interesse e a curiosidade para aprender, a valorização atribuída aos saberes e o sentimento de pertencer ao grupo são alguns fatores que explicam porque há sempre lugar para a construção e renovação dos conhecimentos.

Acreditar na própria capacidade é importante não só para a aprendizagem escolar, mas também para o desenvolvimento pessoal como um todo. Especialmente quando a proposta pedagógica tem como estratégia metodológica a resolução de problemas que inclui considerar-se capaz de assumir os riscos de experimentar situações desafiadoras, que muitas vezes são possíveis,

porém difíceis, é pré-requisito para a aventura do conhecimento, isso é realidade constante no espaço escolar. Vejamos o relato,

[...] no 5<sup>a</sup> ano um aluno com 14 anos que não era alfabetizado ainda. Então assim ele era o aluno problema, ele só destruía tudo, e aí eu cheguei e tenho que trabalhar com ele. [...] Aí eu disse: e agora o que eu vou fazer? [...] Comecei a me aproximar dele e percebi que ele não lia ainda. Então era esse motivo que ele destruía tudo, [...] e, uma conversa reservada com ele, perguntei se aceitava fazer atividades em casa para ajudar nos estudos, pois na sala iria se sentir constrangido perante a turma. Aí levei um livro de alfabetização para que o auxiliasse nessa fase, mas para não constrangê-lo disse que seria um segredo nosso. Na sala de aula fazia algumas atividades com ele, até que chegou um dia ele disse que não precisava mais do livro aí ele veio fez uma leitura para mim (Professora B).

Compreendemos o quanto é difícil fazer com que os alunos com dificuldades se arrisquem para aprender, porque eles geralmente se acham incapazes, afinal, não conseguiram aprender o que deveriam no tempo considerado por muitos como “certo”. Todo professor que já trabalhou com alunos assim sabe que o primeiro passo, nesse caso, é criar condições para elevar a sua autoestima e para que reconheçam e valorizem os saberes que possuem. Quando isso ocorre, é preciso criar um contexto que contribua para a superação desses sentimentos e atitudes que muitas vezes inviabilizam completamente a aprendizagem – um contexto de afeto real, de colaboração, de solidariedade, de expressão e reconhecimento dos talentos pessoais, de respeito aos saberes de cada um, de aceitação do direito de errar sem ser punido. Os sucessos na aprendizagem escolar muitas vezes estão no olhar do outro, no diálogo, na escuta, no viver e conviver, como diriam Freire (2005), Morin (2015) e Maturana (2002).

Na escola, a interação entre professor e aluno é outro fator fundamental ao sucesso do processo de ensino-aprendizagem que seja capaz de articular alegria e amorosidade à prática pedagógica.

Para isso, Freire aborda a valorização do diálogo, como um importante instrumento na constituição dos sujeitos. Defende a ideia de que é possível uma prática educativa dialógica por parte dos professores, desde que estes acreditem no diálogo como fenômeno humano reflexivo para o agir das pessoas. E destaca:

[...] o diálogo é uma existência existencial. E se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformados e humanizados, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Sendo assim, ao entender a dimensão do diálogo como postura necessária em sua prática pedagógica, o professor progride juntamente com seus alunos que se tornarão mais curiosos e estimulados a transformar a realidade em que vivem. Quando o professor atua nessa perspectiva, ele passa a ser visto como mediador e não mais como transmissor de conhecimentos, fazendo com que suas aulas sejam reflexões sobre si e sobre a prática de cada um alertando para o importante papel da humanização.

Um professor não pode tornar o ensino uma rotina, é preciso dar vida à sala de aula por meio de estratégias de acolhimento e amorosidade, “E a relação proporcionará alegria na medida em que os alunos sentirem que o professor, mesmo sabendo que o resultado nunca é garantido, sente prazer em atrair sua cumplicidade” (SNYDERS, 1993, p. 86).

Amorosidade e alegria podem fundamentar estratégias pedagógicas mas incluem, sobremaneira, o envolvimento e a cumplicidade do professor, considerando que ensino e aprendizado têm que fazer sentido tanto para o aprendente como para o ensinante. Uma pedagogia de resistência é aquela que “[...] considera os homens como seres em devir, como seres inacabados, incompletos em uma realidade igualmente inacabada e juntamente com ela” (FREIRE, 1980, p. 81).

## À guisa de reflexão

Partindo do entendimento da necessidade de uma reforma do pensamento e da educação, visando superar a fragmentação do conhecimento e em busca da articulação entre ideias e ação, vislumbramos a possibilidade da alegria e amorosidade se firmarem como estratégias de resistência na educação seja por parte de educadores ou por parte de educandos. Essa consciência pode reformar práticas pedagógicas e incentivar posturas criativas e inovadoras para a construção de conhecimentos, superação de obstáculos para o reconhecimento do outro como legítimo na convivência.

A ideia é transformar o espaço escolar para que todos se sintam acolhidos e que de forma recíproca, possam aprender e ensinar com amor e alegria. Para tanto, o compromisso ético-político do professor manifesta-se, primordialmente, na qualidade da prática pedagógica e na sua capacidade de instituir ações colaborativas para a construção de um clima de confiança e renovação da educação.

Pensando na educação atual, nos perguntamos ainda como promover espaços propícios à alegria e à amorosidade, levando em conta as diferenças de pensamentos que ali convivem?

Resistência, recusa de submissão, persistência, oposição ao instituído: são chamadas que evocam à “Pedagogia utópica da denúncia e do anúncio” (FREIRE, 2010, p. 60) como ação cultural para a libertação. Educação só é possível nesta radicalidade de disposição, imprescindível de amorosidade, pois educação só se dá com comprometimento político com seres humanos e com a vida.

Deste modo, a educação poderá ser transformadora e fundante da desacomodação da ingenuidade se assumirmos o compromisso humano de sempre hominizar-nos, como disse Freire (2010). A massificação da tradicional transmissão de conhecimentos, que elimina a autenticidade dos sujeitos e os tornam reféns do silêncio e da acomodação, do medo e da apatia, resumem o desamor no âmbito da educação. Educar não é transmitir conteúdos a serem fixados, mas propiciar situações amorosas e alegres por meio das quais, os educandos possam desenvolver sua criatividade ampliando suas compreensões sobre o mundo e sobre si mesmo. Nesse tipo de educação haverá possibilidade de transformação da realidade e da escrita de histórias amorosas e felizes.

Por outro lado, com o desamor é mais fácil manter o senso acrítico que emudece as consciências condicionando-as à sociedade competitiva. A educação que se limita à preparação profissional de pessoas que deverão competir na sociedade, mais modela docilidades e quietudes do que promove ambientes alegres e amorosos de ensino aprendizagem.

---

**Resumo:** Este artigo decorre de reflexões realizadas por educadores de diferentes instituições educativas sobre a possibilidade da alegria e da amorosidade fundamentarem estratégias de re-

sistência democráticas para a educação. Esse estudo se baseia em depoimentos de professores da educação básica colhidos por meio de uma pesquisa qualitativa realizada entre 2017 e 2018. Os excertos utilizados nessa reflexão se destacam por indicarem momentos de “amorosidade e alegria” em sala de aula. Refletir sobre essa questão conduziu-nos ao pensamento de que para educar é necessário desenvolver condições para a construção de um espaço aberto à criatividade e à renovação.

**Palavras-chave:** Alegria; Amorosidade; Estratégias de resistência, Educação.

**Abstract:** This article stems from reflections carried out by educators from different educational institutions on the possibility of joy and amorousness to support democratic resistance strategies for education. This study is based on the testimonies of teachers of basic education collected through a qualitative research carried out between 2017 and 2018. The excerpts used in this reflection stand out for indicating moments of “love and joy” in the classroom. Reflecting on this issue led us to the thought that in order to educate it is necessary to develop conditions for the construction of a space open to creativity and renewal.

**Keywords:** Joy; Love; Strategies of resistance, Education.

## Referências

- ANDREOLA, B.A. Carta-prefácio a Paulo Freire. In: Freire, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- ASSMANN, H. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 56. ed., ver. ed. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, P. *Ação cultural para liberdade*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, P. *Conscientização*. São Paulo: Moraes, 1980.
- MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1998.
- MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. *Formação humana e capacitação*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MORIN, E. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MORIN, E. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2002.

MORIN, E. *Os setes saberes necessários a educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNISCO, 2011.

RANGEL, Andrea. Edgar Morin: é preciso educar os educadores. *Fronteiras do Pensamento*, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores/entrevista>>. Acesso em: jun. 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. Em torno de um novo paradigma sócio-epistemológico: Manuel Tavares conversa com Boaventura de Sousa Santos. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, v. 10, n. 10, p. 1-11, 2011.

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SNYDERS, Georges. *¿Es Posible Aplicar en Francia una Pedagogia Inspirada en Makarenko?*, Berlim: Educadores dei Mundo, 1988, p. 13-15.

VIEIRA, R. A.; ALMEIDA, M. I. Contribuições de Georges Snyders para a pedagogia universitária. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 499-514, abr./jun., 2017.

Recebido em Janeiro de 2019

Aprovado em Março de 2019